

EDUCAÇÃO E IDENTIDADE NEGRA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Vera Ellen da Cruz Viana.¹

Maria do Socorro Dias Pinheiro²

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo sobre as reflexões do ensino da identidade negra abordada na disciplina do Ensino de História, nas séries iniciais do ensino fundamental, especificamente em uma turma do 4º ano. A pesquisa objetivou compreender de que maneira vem sendo abordado o tema em sala de aula, considerando sua relevância histórico e social. O trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa de campo de caráter exploratório de cunho qualitativo com observação participante e entrevista semiestruturada, realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda da Silva Barros, localizada no município de Cametá-Pa. E, com participação da gestora da escola e de um professor da turma do 4º ano. Nos resultados, evidencia-se a importância da atuação do professor como mediador desse conhecimento e o papel da gestão neste aspecto. Além disso, destaca a importância da educação em algumas etapas de vida do sujeito, o quanto pode ser transformadora em um país tão diverso. Por fim, foi feita uma análise concisa, destacando que, embora a temática de identidade negra possa abrir portas para um novo olhar na formação de sujeitos mais críticos, há, ainda, um caminho a se fazer para alcançar tal finalidade.

Palavras-chave: Educação. Identidade Negra. Ensino de História.

ABSTRACT

This paper presents a study on reflections on the teaching of black identity in the subject of History Teaching, in the early grades of elementary school, specifically in a 4th grade class. The research aimed to understand how the subject has been approached in the classroom, considering its historical and social relevance. The work was carried out through exploratory qualitative field research with participant observation and semi-structured interviews, conducted at the Raimunda da Silva Barros Municipal Elementary School, located in the municipality of Cametá-Pa. The school manager and a teacher from the 4th grade class took part. The results show the importance of the teacher acting as a mediator of this knowledge and the role of management in this respect. It also highlights the importance of education at certain stages of the subject's life and how transformative it can be in such a diverse country. Finally, a concise analysis was made, highlighting that, although the theme of black identity can open doors to a new look in the formation of more critical subjects, there is still a way to go to achieve this goal.

Keywords: Education. Black identity. Teaching History.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país diverso, principalmente no que diz respeito à cultura. A escola é o principal ambiente onde se pode abordar uma infinidade de temáticas, porém quando se trata de identidade negra, verifica-se um déficit contextual, haja vista que retorna sempre para o viés de preconceito. Dessa maneira, os alunos acabam por ter uma visão comprimida do que de fato

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Contato: verah.viana@hotmail.com

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFPa). Docente do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7850316457132758>. E-mail: sdiasufpa2@gmail.com

é a identidade negra, reafirmando o preconceito estrutural que tanto acompanha a nossa sociedade.

Na escola, os alunos são preparados para desempenhar seu papel na sociedade, mas para que isso ocorra, a instituição precisa se configurar como um ambiente seguro, dinâmico, de convivência e principalmente de construção de relações entre as pessoas. Desse modo, no que diz respeito à temática identidade negra, a escola deve desenvolver práticas pedagógicas capazes de contextualizar de uma maneira mais relevante o tema e fazer com que os alunos compreendam a riqueza e a cultura que os norteiam.

Para a identificação e construção da temática deste trabalho foi necessária uma pesquisa de campo em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental do município de Cametá/Pa, como cumprimento da carga horária de extensão da disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino História, que levou a pesquisa de campo durante o período de 03 dias de observação participante na escola e sala de aula de uma turma do 4º ano do ensino fundamental e de entrevistas com gestão escolar e o professor da turma.

Por muitos anos as escolas estiveram sem a representatividade do que é a identidade negra, e foi somente com a Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que se tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas que as coisas começaram a mudar. Porém, ainda há muito o que se fazer.

Assim, a justificativa deste artigo é analisar como a disciplina do ensino de História trabalha com a identidade negra na sala de aula, visto que são questões que acontecem no dia a dia da escola e refletem na realidade dos alunos, podendo ser trabalhado por meio de dinâmicas, incentivando a participação mais ativa dos alunos e fortalecendo o processo de ensino aprendizagem, dessa forma, auxiliando os alunos a conhecerem a suas possibilidades de aprender os tornando autônomos e independentes fazendo com que haja uma maior valorização e respeito (Libânio,1994).

Nesse sentido, compreendemos que a aprendizagem flui quando os estudantes conseguem entender melhor o debate em questão na sala de aula ao se trabalhar a identidade negra no ensino de história por meio do conhecimento empírico presente na realidade dos próprios alunos, e relacionando-o aos conteúdos escolares expostos na matriz curricular.

Isso é possível devido a história ser composta por um acervo de conhecimentos que não podem ser deixados de lado. Entende-se haver a possibilidade de se trabalhar por meio de dinâmicas em aulas práticas com os alunos, o que ajudaria a observar cada etapa com mais cautela. Isso é um pensamento que nos inquieta. Porque o ensino de história, atualmente, quase

nem se fala na sala de aula dos anos iniciais do ensino fundamental. A preocupação está em trabalhar os conteúdos do ensino de língua portuguesa e da matemática, deixando os demais conhecimentos para depois.

Tendo em vista estas questões, a principal inquietação de nossa investigação é saber: Como a escola se articula para trabalhar a identidade negra no ensino de História no 4º ano do ensino fundamental? A problemática veio a partir de algumas questões norteadoras: como é trabalhada a identidade negra na escola? O que se estuda sobre identidade negra no ensino de história em uma turma do 4º ano?

Com base na problemática citada, levantam-se os objetivos. De maneira geral buscamos refletir sobre a identidade negra no ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental. Especificamente se pretendeu identificar na realidade da escola, como é trabalhado a identidade negra; e, investigar, o que se estuda sobre identidade negra no ensino de história em uma turma do 4º ano do ensino fundamental e analisar como ocorre a relação entre escola e família.

Conforme Brandão (1986), antigamente o conceito de identidade era muito trabalhado e visto a partir de vieses filosóficos e psicológicos, mas atualmente a temática tem chamado mais a atenção de antropólogos e cientistas sociais. Conceitualmente, isso ocorre por meio de uma mudança social pela forma como trata o indivíduo isoladamente, desconsiderando o seu aspecto social. Há uma necessidade de compreensão do contexto em que o sujeito está inserido para então compreender como sua identidade se forma.

Dessa forma, o artigo conta com resultados advindos de pesquisa realizada em uma escola pública, denominada de EMEF Raimunda da Silva Barros, com atendimento educacional que contempla, também, as séries iniciais do ensino fundamental. E com base nas evidências e nos desdobramentos do referido estudo, é que se estruturou o texto em tela.

2 METODOLOGIA

A proposta metodológica deste trabalho se insere em abordagem qualitativa que, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, de que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma noção mais esclarecedora do nosso objeto de pesquisa. Deste modo, buscando uma análise real entre o entrevistador e o objeto pesquisado.

No que se refere aos objetivos da pesquisa, trabalhamos a pesquisa exploratória, pois, segundo Gil (2002), é a pesquisa que proporciona maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e possibilitando a construção de hipóteses. Na qual se buscou ter uma familiaridade com o problema, sempre explanando qualquer informação relevante para o

assunto. Seguida de pesquisa de campo, que de acordo com Gil (2002, p. 53) é onde “o pesquisador realiza a maioria do trabalho pessoalmente, por ser enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo”. Foi uma etapa muito importante, pois nos permitiu extrair dados e informações direto do campo estudado.

Utilizamos como técnica de pesquisa a observação participante e a entrevista semiestruturada, o que nos permitiu um acompanhamento próximo do discurso e da concepção dos entrevistados acerca da temática. E o trabalho da diretora, e do professor foram de suma relevância para buscar entender como se dá o ensino e sua interferência na (des) construção da identidade negra dos alunos em sala de aula.

Os dados foram coletados através da aplicação de entrevista semiestruturada contendo perguntas para cada participante da pesquisa. Para a diretora, fizemos as seguintes perguntas: como ocorre a relação da escola com a família? A escola tem participação ativa junto a movimentos sociais relacionados à cultura negra? Ao professor, fizemos as seguintes perguntas: como você trabalha no 4º ano do ensino fundamental a temática da cultura negra? Qual conhecimento você possui acerca da identidade negra? A pesquisa ocorreu no período de três (3) dias, com observação participante, dentro e fora da sala de aula.

Para Bogdan e Biklen (1994), a entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, com objetivo de obter informações a respeito do seu objeto de pesquisa a partir do conhecimento que o outro possui. Ainda para esse autor, as entrevistas variam conforme a sua estrutura. A entrevista utilizada foi do tipo semiestruturada, que consiste em

Entrevista muito aberta, o entrevistador encoraja o sujeito a falar sobre uma área de interesse e, em seguida, explora-a mais aprofundada mente, retomando os tópicos e os temas que o respondente iniciou. Neste tipo de pesquisa, o sujeito desempenha um papel crucial (Bogdan; Biklen, 1994, p. 135).

Também foi utilizada a observação participante, pois segundo (Lima; Pereira, 2010, p. 10), a observação participante ativa ocorre em consonância com o percurso da investigação, tendo como foco a comunidade, a escola e as experiências em aulas ela é eficaz, ao colocar o pesquisador no campo de pesquisa para observar, permitindo que este participe de alguns momentos da rotina do grupo em observação com isso, o registro das atividades ocorridas em campo ou mesmo as percepções do pesquisador se tornam elementos relevantes para o processo de estudo.

Desse modo, a observação participante permite ao pesquisador o relato das situações que ele se propôs a investigar e possibilita a sua inserção no campo a ser estudado, de maneira

a conhecê-lo, com seus sujeitos e suas relações, o que contribuiu para a elaboração da pesquisa. A análise das entrevistas será apresentada nos resultados e discussões deste trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A Escola como espaço de socialização do conhecimento

Pode-se dizer que a socialização nada mais é do que a obtenção de conhecimento social, onde o sujeito tem a possibilidade de compreender e desenvolver sua personalidade e sua percepção de viver em sociedade. Meneguín e Mendes (2020) destacam que a socialização é vital para a sociedade e envolve práticas educativas; pode-se afirmar que a educação é uma dimensão fundamental para a vida social. Quando as crianças iniciam sua vida escolar, é como se um mundo de novas possibilidades se abrisse; é por meio da interação com o todo que elas começam a construir sua identidade.

Desse modo, entende-se que as instituições escolares devem, a priori, desenvolver um currículo pensado na valorização e convivência desses alunos, considerando não somente o repasse de conteúdo, mas também a compreensão sobre cultura, além dos princípios éticos que envolvem nossa sociedade.

Meneguín e Mendes (2020) reafirmam que existem diversos meios de socializar, destacando a escola, a religião, grupos de amigos, meios de comunicação, ambientes de trabalho, entre outros. Para este contexto, trataremos a instituição escolar como principal, pois se entende que esta é uma das primeiras experiências (depois da família) que o ser humano tem sobre o que é socializar.

A escola é um espaço de convivência e construção de laços, que é normal do ser humano. Quando falamos de laços, não é somente entre alunos, mas sim do conjunto, incluindo pais, professores, comunidade, independentemente de religião, etnia ou outros fatores externos. Nesse sentido, a escola, enquanto uma instituição educacional que compartilha saberes sociais, crenças e hábitos, carece de ferramentas que possibilitem esse convívio entre família e ambiente escolar, pois essa parceria promove o desenvolvimento crítico e social das crianças.

Meneguín e Mendes (2020) salientam que a escola visa possibilitar a aprendizagem organizada nos estudantes, ou seja, um dos intuitos do ambiente escolar é a construção de determinados conhecimentos de forma organizada, planejada e sistematizada. A instituição de ensino é promissora para trocas de experiências entre alunos, e isso ocasiona um breve conhecimento cultural nessa troca, contribuindo para o seu desenvolvimento como seres pensantes e críticos.

3.1.1 A organização físico-estrutural da EMEF Raimunda da Silva Barros

O foco da nossa pesquisa se dá no contexto escolar da EMEF Raimunda da Silva Barros, situada na Avenida Santos Dumont, sn, no Bairro Novo, zona urbana do município de Cametá-PA. No quadro abaixo, mapeamos informações estruturais da escola, no qual é possível ter noção da organização de suas dependências estruturais.

Quadro 1: Estruturada EMEF Raimunda da Silva Barros

DEPENDÊNCIAS DA ESCOLA	QUANTIDADE	OBSERVAÇÕES
Salas de Aula	11	8 padrões e 3 adaptadas
Banheiros	1 com 8 cabines	6 padrões e 2 adaptados
Espaço de Recreação (Esportes)	1	Quadra com vestiário (descoberta)
Sala da Direção	1	
Sala dos Professores	1	
Copa	1	
Cantina	1	

Fonte: Elaborado pela autora em fevereiro de 2025.

Ao observarmos o quadro, identificamos que a escola possui dados quantitativos classificados como dependência escolar. Com isso, percebemos em coerência a ilustração, a existência de onze (11) salas de aulas sendo oito (08) padrões e três (03) adaptadas, um (1) banheiro o qual possui oito (8) cabines sendo seis (6) padrões e dois (2) adaptados, um (1) espaço para recreação e esportes, uma (1) sala de direção, uma (1) sala de professores, uma (1) copa, uma (1) cantina. É uma escola de médio porte voltada para o atendimento ao ensino fundamental menor e maior da rede pública de ensino de Cametá.

No período em que foi realizada a pesquisa, a escola estava em processo de reforma, por isso, observamos que o prédio estava danificado, pois foi evidenciado que parte elétrica estava apresentando muito problema, a ponto de ter que dispensarem os alunos mais cedo por conta do calor. Além disso, a quadra estava sem teto, impedindo que os alunos a utilizassem por causa da alta temperatura (sol).

Dito isso, parte dos aspectos citados, acima, podem ser evidenciados na imagem fotográfica da faixa de entrada da escola, na qual se revela tratar de uma escola com bom suporte predial para o atendimento educacional da comunidade escolar, mas que precisa de pequenos reparos.

Figura 1: EMEF Raimunda da Silva Barros



Fonte: Elaborado pela autora em outubro de 2023.

A escola atende alunos dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, com um total de 23 turmas, que funciona em dois turnos: matutino e vespertino. Cada turma tem uma variação média de 23 a 32 alunos, organizada pelo sistema de seriada. Inaugurada no ano de 1979, em 2024, completou 45 anos. Era inicialmente localizada em uma casa alugada, depois passou a funcionar na rua Dr. Freitas, no Bairro Novo. Atualmente, é prédio da secretaria de saúde de Cametá (2024), e depois de alguns anos foi construída no atual endereço, atuando como diretora a professora Maria José. No início, a escola só atendia os anos iniciais do ensino fundamental, depois da reforma outras turmas foram inseridas na instituição.

No que diz respeito à alimentação escolar, a informação que adquirimos da gestão escolar é de que ela possui um cardápio variado, composto por frutas, verduras, massas e carnes, e a partir dessa matéria-prima é proporcionado um cardápio bem diverso para os alunos. Em relação ao número de funcionários institucionais, obtivemos os seguintes dados quantitativos:

Quadro 2: Funcionários da Escola

QUANTIDADE	FUNÇÃO
1	Diretora
2	Vice-diretores
2	Coordenadores Pedagógicos
39	Professores
23	De apoio

Fonte: Elaborado pela autora em fevereiro de 2025.

O segundo quadro apresenta evidências de que a escola possui um quadro funcional composto por (1) diretora; (2) vice-diretores, sendo uma que atua no matutino e a outra no

vespertino; (2) coordenadores pedagógicos, sendo que um atua no matutino com os anos finais e o outro no vespertino com os anos iniciais; (39) professores e (23) funcionários de apoio que atuam nos serviços de portaria, limpeza, administrativo escolar, entre outras coisas.

Os profissionais que trabalham na escola têm um papel importante no dia a dia dos alunos, por serem referências e influências para os estudantes. Os professores fazem a ponte entre o conhecimento e os estudantes o que faz com que a partir desse conhecimento os mesmos vivam em sociedade os gestores como o diretor e os coordenadores pedagógicos possuem um papel muito importante, ao trabalharem juntos para garantir a qualidade do ensino e o desenvolvimento dos alunos e a organização da escola. Além disso, os funcionários de apoio também têm seu papel, por auxiliarem no processo educativo desses alunos. A escola está localizada na zona urbana do Município de Cametá, na Avenida Santos Dumont, S/N, no Bairro Novo.

3.1.2 Identidade negra no ambiente escolar

Partindo desse pressuposto de análise do ambiente escolar, abordamos alguns aspectos da pesquisa, que foram adquiridos por meio das entrevistas aplicadas na instituição. Conforme mencionado, sobre a importância da participação da família em parceria com a escola, a diretora foi questionada sobre como decorre essa relação, e a resposta foi a seguinte: “A família participa pouco nas ações da escola, quando a gente chama para participar de eventos, eles não vêm; só vêm quando é para pegar boletim” (Diretora).

A partir do relato da diretora percebe-se que a mesma apresenta dificuldades em estabelecer relações com a família. Sendo que essa parceria é necessária tanto para o aproveitamento com a instituição escolar como para a família, sobre esse contexto, Parolin (2007, p. 36), define que “a qualidade do relacionamento que a família e a escola construírem será determinante para o bom andamento do processo de aprender e de ensinar do estudante e o seu bem viver em ambas as instituições”.

E, ao se tratar sobre a identidade negra, fica evidente que ainda é um tabu a ser quebrado na escola, pois a temática é vista como muito complexa, e não se tem um bom retorno dos alunos, muito menos da família que nem sequer comparecem aos eventos que a escola promove, ocasionando um déficit no trabalho com esse tema. A diretora afirma que a escola promove ações sobre identidade negra, inclusive fora dos muros da instituição: “Realizamos algumas dinâmicas, inclusive terá um esse mês com as igrejas, fomos convidados para apresentarmos uma dança” (Diretora).

A identidade negra também se manifesta por meio de danças e representações simbólicas. E na nossa entrevista podemos perceber que a diretora até tenta proporcionar novas experiências acerca do tema, com a demonstração mediante uma dança simbolizando a cultura negra, e nisso percebemos a busca em se trabalhar a afirmação da identidade da escola por meio de uma dança. Para Woodward (2017, p. 9), “a identidade é marcada por meio de símbolos (...) existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa (...) assim, a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social”.

Como se nota nas falas da diretora, não há muito aprofundamento de estudos sobre essa discussão que seja provocado na escola e acredita-se que esse deve ser o motivo pelo qual a diretora não recebe retorno da família e tem dificuldades de estabelecer relações. Pois, trazer referências de aspectos culturais é importante, mas outros estudos e diálogos da cultura negra precisam ser possibilitados no contexto das práticas curriculares educacionais.

3.2 Relações da identidade negra na sala de aula

Debater sobre a identidade negra em sala de aula ainda é um tabu em muitas escolas, embora haja uma valorização significativa nos espaços educacionais no que diz respeito à cultura negra, uma conquista que se deu com muita luta e que levou à criação da Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Ela é fruto de intensas discussões provocadas pelos movimentos sociais quilombolas que veio garantir estudos de temáticas da identidade negra no currículo do ensino das disciplinas de: História, Literatura e Educação Artística no sentido de abordarem aspectos da cultura e identidade negra, garantindo, portanto, a sua importância para a História do Brasil.

Construir uma identidade na diferença são evidências trazidas por Mizael e Gonçalves (2015). Para esse autor, é necessário que se construa a identidade na diferença e na cultura negra. Essas diferenças se revelam na história através da ancestralidade e de suas tradições, que vão sendo traduzidas e mostrando suas vivências da forma que ocorrem no dia a dia.

A identidade negra se constrói na resistência do povo negro contra toda e qualquer forma de discriminação racial, que acaba por criar produtos culturais, como a música, o rap (ritmo e poesia). A construção da identidade pode ser compreendida com algo complexo, isso ocorre devido as inúmeras interações que os sujeitos se deparam no dia a dia enquanto sociedade, e é essa interação que agrega tantos sentimentos, que faz com que o ser humano assuma determinadas posturas conforme a experiência no qual for submetido.

Nesse sentido, entende-se que a identidade se cria, ou melhor, se constrói através das diferenças, e essas distinções são percebidas mediante toda uma história, de tradições, de seus ancestrais, que com o passar dos anos vem ganhando força representativa.

De acordo com Munanga (2005), os negros, ao longo da história do Brasil, têm sido, os mais discriminados, pois a figura do negro sempre foi representada nos livros didáticos como negro africano escravizado, sempre mostrando a parte mais cruel, e não é dessa forma que se deve ser representado, pois os negros tem um peso cultural muito grande como costumes, crenças, danças e uma infinidade de outras histórias de representatividade.

Gomes (2002) diz que a escola pode interferir diretamente na identidade negra, isso porque a forma como será abordada essa temática no ambiente pode ser decisivo tanto para valorizar as diferenças, como pode segregá-las. Por isso, é essencial que se haja uma preparação do corpo docente e da comunidade escolar na totalidade, para abordar a temática de maneira com que os alunos se sintam confortáveis e ampliem novos horizontes. A escola é a ponte principal entre os conhecimentos ancestrais e os da cultura dominante em expansão, pois, quando se trata de identidade, podemos observar que ela está diretamente ligada à educação e representatividade.

Para Severino (2010), a escola tem como função criar oportunidades para a criança expressar suas experiências, propiciando ao aluno aprofundar o seu processo de obtenção de conhecimentos, respeitando às questões culturais que cada um traz, a partir da qual se constrói a identidade dos alunos, resgatando suas origens e história.

Diante disso, a instituição escolar tem o compromisso de criar um ambiente que seja propício à propagação da diversidade cultural e, principalmente, no combate ao racismo que sabemos que ainda é recorrente no ambiente escolar. Assim, os alunos se sentirão livres para reconhecer sua identidade.

A inclusão de conteúdos que tratam sobre a história e cultura afro-brasileira e africana no currículo, é o primeiro passo para expandir a temática, porém não pode ser restringindo somente a conteúdo na sala de aula, pois a escola é um espaço para discussões, estudos, reflexões e difusão dos princípios da diversidade por meio de atividades extracurriculares, acesso a exposições, reprodução de filmes sobre o tema e tudo isso pode fazer com que a criança elimine seu preconceito e adquira o respeito à diversidade (Jesus, 2012).

Na nossa perspectiva, a disciplina do ensino de História pode proporcionar acesso aos conhecimentos aos estudantes por meio dos estudos sobre a identidade negra, utilizando de metodologias cabíveis para contextualização do tema em questão, para facilitar o entendimento dos alunos. Como é do nosso conhecimento, o ensino de História aborda questões relevantes na sociedade, como os processos de trabalho, cultura, lugares, dentre outros aspectos.

E, uma das principais é o processo de identificação da identidade negra, utilizando desse tema para essas crianças que já detém percepção da sua realidade, e isso contribua positivamente para uma visão de mundo mais aprimorada. Diante dessa compreensão, a figura do professor é essencial durante o percurso formativo desses alunos, pois algumas questões se tornam pertinentes ao ter por objetivo estudar e entender o processo de formação identitária. Conforme Libânio (2001),

O professor é um profissional cuja atividade principal é o ensino. Sua formação inicial visa a propiciar os conhecimentos, habilidades e as atitudes requeridas para levar adiante o processo de ensino e aprendizagem nas escolas. Esse conjunto de requisitos profissionais que tornam alguém um professor, uma professora é denominado *profissionalidade*. A conquista da profissionalidade supõe a profissionalização e o profissionalismo (Libânio, 2001, p. 63).

O professor, em sua esfera de conhecimento, deve estar sempre se aprimorando, andar conforme as mudanças da sociedade para estar sempre atualizado e, principalmente, na busca de melhor elaboração e aplicabilidade de suas metodologias em sala de aula. Pois, só assim poderá estar renovando seus conhecimentos tanto educacionais como culturais, éticos e sociais para que a forma como ele dará a sua aula influencie positivamente nos alunos.

Nesse contexto, conforme Kabengele; Munanga (1999), nenhuma lei, em qualquer cultura, consegue destruir inteiramente atitudes preconceituosas. Dessa forma, cabe ao professor buscar metodologias nas quais possam ser evitadas ou minimizadas tais ações na sala de aula.

3.2.1 Ensino de história no ensino fundamental

Com relação ao ensino da disciplina de História, o professor entrevistado fala sobre como se trabalha, no 4º ano do ensino fundamental, a temática da cultura negra. De acordo com ele “trabalhamos conceitos elementares da história do Brasil como seu descobrimento, a independência e os reinados que tiveram isso serve para os alunos conhecerem a história em si que ocorreu” (Professor do 4º ano do ensino fundamental, 2025).

Diante da fala do professor, podemos observar que há conceitos elementares, sendo que esses conceitos mostram o negro como uma figura estereotipada (africano escravizado). Então, como que uma criança vai querer se reconhecer como negra se o negro foi mostrado a ela de uma forma cruel e sofrida?

Nessa perspectiva, podemos considerar que a escola pode ser considerada um espaço que interfere na construção da identidade negra, pois quando os professores não possuem uma formação, repassam aos alunos de uma forma errada e acabam desvalorizando o peso cultural e as histórias de representatividade que a cultura negra possui, pois o olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode

estigmatizá-las, discriminá-las e até mesmo negá-las. Como foi observado é o que está acontecendo nessa sala a cultura negra está sendo desvalorizada.

Questionado sobre qual conhecimento ele tem sobre identidade negra, ele respondeu: “Sei um pouco sobre a história dos negros através dos livros ofertados pela escola nada muito aprofundado, pois a carga horária é muito pequena da disciplina” (Professor do 4º ano do ensino fundamental, 2025).

A partir da fala do professor podemos perceber que não há uma compreensão acerca da temática, pois a disciplina tem uma carga horária pequena, então, ele não busca mais conhecimento e fica preso aos livros didáticos, prejudicando o entendimento dos alunos a respeito da verdadeira história de representatividade que os negros possuem.

Outro ponto importante a ser destacado é que a disciplina de História é trabalhada com a disciplina de Geografia, o que nos leva a refletir o quão superficial cada conteúdo é explorado, além da rapidez como os assuntos são abordados, isso dificulta ainda mais o entendimento do aluno e, de certa forma, desvaloriza ambas as disciplinas e seus vastos conhecimentos que poderiam ser abordados.

Nesse sentido, a disciplina de História compreende questões relevantes na sociedade, como os processos de trabalho, cultura, lugares. E uma das principais, é o processo de identificação da identidade negra. Isso significa que o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental é importante para auxiliar as crianças, que estão numa faixa etária de 9 a 10 anos, a desenvolverem o pensamento crítico e refletir sobre a realidade.

Por esse motivo, cabe ao professor promover uma aula interativa, com conteúdos que fortaleçam o reconhecimento das identidades na sala de aula. Pois, se a identidade é formada a partir da significação e vivência de um povo, entende-se que em um povo possa existir diferentes identidades e arrisca estar em conflito, ou em sintonia. Nesta direção Castells (1999), ressalta a importância de se entender o processo formativo dessas identidades, bem como as relações estabelecidas com outras compreensões sociais.

Nota-se, através da fala do professor, que ele se prende somente em conceitos elementares da história, mesmo sendo questionado sobre a importância da identidade negra, demonstrando pouco interesse na temática. Isso nos leva ao início desse tópico, onde foi citado sobre o tabu presente nas escolas e principalmente na sala de aula. No entanto, paralelo a este pensamento, existem educadores que primam pela formação em serviços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa de campo e das análises decorrentes dos achados na EMEF Raimunda da Silva Barros, e nos referenciais teóricos utilizados para fundamentação, foi possível observarmos a contextualização no que concerne à identidade negra aplicada através da disciplina de História nas séries iniciais do ensino fundamental.

Nesse sentido, vimos que a educação é o pilar do conhecimento, mas ainda há muitos reparos a se fazer. Isso diz respeito à escola, a qual é a ligação entre o sujeito e o conhecimento crítico adquirido, ou seja, tem um papel importante na formação da identidade dos alunos.

No que tange à identidade negra, pautamo-nos sobre a questão cultural, sobre identidade e representatividade. Nota-se que, na sala de aula observada, identidade negra é um tema de pouca relevância a ser discutido, houve até mesmo uma certa resistência do professor para falar sobre o assunto. Com isso, entende que não é recorrente na metodologia do docente discutir em suas aulas de história sobre a identidade negra, muito menos criar momentos para os alunos poderem conhecer melhor as suas raízes, se reconhecer.

Compreendemos através das análises teóricas que tratar sobre a identidade negra na escola é crucial para o desenvolvimento cultural e social do ser humano, mas que ainda há muito o que se fazer para a implementação dessa temática na didática dos discentes e da escola na totalidade. Permitir que os alunos possam adquirir conhecimentos através do seu cotidiano, da sua realidade, trazendo suas próprias representações, e a escola necessita de metodologias que abracem essa diversidade e as transformem em fonte de conhecimento. Por meio de diálogos com os alunos e com a família, apresentações, palestras, visibilizando ainda mais sobre a identidade negra, e muitos outros temas de inimagináveis relevâncias para a construção de uma sociedade melhor.

Pode-se então ressaltar que o ensino-aprendizagem de história voltado para a identidade negra nas séries iniciais é de suma importância, uma vez que, leva o educando a se posicionar perante vários aspectos que movem a sociedade como o se aceitar e o se autodeclarar sem sentir com medo de passar por situações de preconceito, refletindo de forma crítica sobre seu valor e se dando o valor que merece.

Por fim, o caminho a trilhar para a construção da identidade de maneira geral, não é nada fácil, mas a partir do momento que o sujeito possa se compreender e se reconhecer, sua mentalidade mudará completamente, e partindo desse ponto poderemos construir uma sociedade muito mais justa respeitando as diferenças.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994. cap. 1 e 2, p. 48-52.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**. Poder Legislativo. Brasília–DF, 11 mar. 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002a.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002b.

GOMES, Lino Nilma. **Educação e identidade negra**. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

JESUS, Jaqueline Gomes. Psicologia social e movimentos sociais: uma revisão contextualizada. **Psicologia e saber social**: UERJ-Rio de Janeiro v. 1, n. 2, p. 163 – 186, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001. Cap. IV.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: teoria da instrução e do ensino. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Maria da Glória, S. B.; PEREIRA, Vanderléa, A. A pesquisa etnográfica: construções metodológicas de uma investigação. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UFPI, 6. 2010. Teresina. **Anais[...]** Teresina: EDUFPI, 2010, p. 1-13.

MARTINS, Kegislânia Ferreira; SILVA, Cristiane Sousa da. O processo de (des)construção da identidade negra na escola: o olhar de professores e alunos em uma escola do município de Quixadá-CE. **Revista da ABPN** • v. 10, Ed. Especial-Caderno Temático: História e Cultura Africana e Afro-Brasileira – Lei 10.639/03 na escola • maio de 2018, p.215–237.

MENEZHIN, Vithória Bastos; MENDES, Thiago Fernando. A socialização no ambiente escolar. In: SEMINÁRIO ONLINE DO CURSO DE PEDAGOGIA FACULDADE DOM BOSCO, 11, 2020. Paraná, **Anais[...]** Paraná. https://facdombosco.edu.br/wp-content/uploads/2021/04/GT-1_Vithoria_A-Socializa%C3%A7%C3%A3o-no-Ambiente-Escolar_COMPLETO.pdf 2021 p. 1-5.

MIZIAEL, Náide Cristina de Oliveira; GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias. Construção da identidade negra na sala de aula: passando por bruxa negra e de preto fudido a pretinho no poder. **Revista eletrônica de pós-graduação em educação**: UDFG – Regional Jataí: v.11, n. 2, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes. Acesso em: 30 jan. 2025. 1999

MUNANGA, Kabengele (org) **superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

PAROLIN, Isabel. **Professores formadores**: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem. Curitiba: Positivo, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 14. Ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2014. p. 7-20.